

DOSSIÊ NICOLÁS GUILLÉN

APRESENTAÇÃO

Elena Godoy*

O “dossiê” que ora apresentamos em homenagem ao centenário do nascimento do poeta cubano Nicolás Guillén (1902-1989) é o fruto de leituras, reflexões e discussões da professora e seus alunos da disciplina Literatura Hispano-americana Monográfica I no ano de 2000 na UFPR. Essas leituras, reflexões e discussões se estenderam por muito mais do que um simples semestre letivo: a história de Cuba e da América Latina, sua cultura, sua música e sua literatura, a carismática figura do “grande mulato” Guillén nos envolveram completamente, transformando-nos em uma espécie de um “clube guilleniano”. A primeira versão dos trabalhos que aqui se encontram foi apresentada no I Congresso de Humanidades em outubro de 2000 na Universidade Federal do Paraná.

O ano de 2002 é o ano do centenário de Nicolas Guillén, célebre poeta cubano tido como a expressão máxima da “poesia negra” do seu país. Ao contrário do que aconteceu na literatura europeia da *negritude*, Guillén superou a expressão pitoresca da vida dos negros e a elevou aos sentimentos mais profundos de identidade nacional.

Guillén nasce em 10 de julho de 1902 em Camagüey, no interior de Cuba. Nessa pequena cidade, faz os seus primeiros estudos e trabalha na gráfica que pertencia a seu pai e que, entre outras coisas, publicava o jornal oposicionista *La Libertad*. Em 1920, Guillén se matricula na Faculdade de Direito da Universidade de Havana, que abandona depois de poucas semanas por falta de recur-

* Universidade Federal do Paraná.

sos. De volta a Camagüey, começa seu trabalho de jornalista e publica seus primeiros versos. Tenta voltar à universidade em 1921, mas logo abandona os estudos e, em 1922, volta à profissão de jornalista em Camagüey. No mesmo ano, reúne alguns de seus poemas no livro *Cerebro y Corazón* que permanecerá inédito até 1964.

Em 1926, se muda definitivamente para Havana, onde encontra o emprego de datilógrafo numa Secretaria do Governo. Dois anos depois, começa a colaborar na seção *Ideais de uma raça* do jornal *Diário de la Marina* (sic!). Em 1929, numa revista literária, publica seus sonetos *Al margen de mis libros de estudio*, que lhe trazem uma certa notoriedade. Mas é no *Diario de la Marina* que, em 1930, aparecem seus poemas do ciclo *Motivos de son* e produzem uma enorme ressonância entre os intelectuais e o público em geral. A partir de 1931, Guillén dirige a coluna *A marcha de uma raça* do jornal *El Mundo*. Em 1935, consegue um emprego no Departamento de Cultura do Município de Havana, de onde logo é despedido por suas atividades oposicionistas. Trabalha nas redações da revista *Resumen* editada pelo Partido Comunista e da revista literária *Mediodía*. Em 1937, participa do Congresso de Escritores e Artistas da Liga Mexicana de Escritores e Artistas Revolucionários e, junto com Alejo Carpentier e outros intelectuais cubanos, do II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura na Espanha. No mesmo ano ingressa no Partido Comunista. Em 1938 começa a colaborar no jornal *Hoy* publicado pelo Partido e é indicado como membro do Comitê Nacional da União Revolucionária Comunista. Foi candidato a prefeito de Camagüey em 1940. Em 1942, viaja em missão político-cultural ao Haiti. A partir de 1944, edita a revista *Gaceta del Caribe*. Viaja a Venezuela, Colômbia, Peru, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil, onde é recebido na Academia Brasileira de Letras. Volta a Cuba em 1948 para participar das eleições como candidato a senador da Província de Havana pelo Partido Socialista Popular. Em 1949, durante alguns meses, colabora no jornal *Hoy*, escrevendo uma *décima* sobre algum fato de atualidade diariamente. Entre 1949 e 1950 viaja como representante do Partido Socialista aos EUA, México, Tchecoslováquia, União Soviética. Sofre as pressões do governo, que fecha o jornal *Hoy*. Guillén é detido várias vezes e fichado pelo serviço de Inteligência Militar. Em 1953, viaja ao Chile para participar do congresso Continental da Cultura e não consegue voltar a Cuba por causa da repressão desencadeada após o ataque do grupo de Fidel Castro ao quartel Moncada. Viaja incessantemente pela Europa e América.

Com a vitória da Revolução em 1959, Guillén retorna do exílio e colabora ativamente no jornal *Hoy* que volta a ser publicado. Em 1961, é indicado como membro do Conselho Nacional de Educação e nomeado presidente da recém-

criada União de Escritores e Artistas de Cuba. Faz mais uma viagem ao Brasil como conselheiro cultural do Ministério de Relações Exteriores para participar da VI Bienal de São Paulo. Em 1962, por um decreto presidencial, assume o cargo de Ministro do Serviço Exterior da República. Posteriormente se torna membro do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba. Morre em Havana em 1989.

Sua produção literária nasce num clima geral do chamado pós-modernismo hispano-americano, das experiências vanguardistas dos anos vinte. É nesse contexto que surge sua poesia “negra”, que Guillén preferia chamar de “mulatez”, a poesia de um país tão mulato como o próprio poeta. Nos ciclos *Motivos de son* (1930) e *Sóngoro cosongo. Poemas mulatos* (1931), Guillén busca os recursos poéticos específicos para alcançar a expressão autêntica da “mulatez” da cultura cubana, essa mistura do branco e do negro, do espanhol e do africano, as próprias raízes cubanas. A orgulhosa exaltação de mitos e crenças africanas constitui uma poesia nova e própria, e, na sua música, ressoa a vitalidade do negro cubano, cujo passado foi regido pela escravidão. À diferença do porto-riquenho Palés Matos e do outro grande cubano Alejo Carpentier, que deram ao negro antilhano uma dimensão mítica, o homem poético de Guillén é o negro da terra da ilha de Cuba, que vive sua vida de preocupações e prazeres cotidianos e de angustias sociais. Os poemas de *Motivos de son* vibram ao ritmo dessa música e anunciam *Sóngoro cosongo*, obra de maior consistência técnica que aprofunda o tema da “mulatez”. Este último ciclo recebeu a influência do livro *Poeta em Nueva York* de Federico García Lorca, que Guillén conheceu em Havana em 1930.

A partir do ciclo *West Indies Ltd.* (1934), sua poesia evolui rapidamente para os temas de índole política, que ficam mais fortes a cada ano, conservando, entretanto, alguns elementos característicos dos ciclos anteriores como a musicalidade e o ritmo com “sotaque cubano”. Em *West Indies Ltd.* é ressaltada a herança colonialista e a dependência de Cuba e seus vizinhos caribenhos dos Estados Unidos. Em 1937, Guillén publica *Cantos para soldados y sones para turistas*, em que manifesta seu compromisso social com o negro cubano. Nesses poemas que combinam as diferentes formas tradicionais com metáforas singulares e o ritmo do *son*, se entrevê a influência do americano Langston Hughes inspirado, por sua vez, nos *blues* dos negros desse país.

Tal como o chileno Pablo Neruda, Guillén se solidarizou com a luta do povo espanhol durante a Guerra Civil (1936-1939) e compôs *España. Poema em cuatro angustias y una esperanza* (1937). As obras posteriores (*La paloma de vuelo popular*, 1957; *¿Puedes?*, 1959; *Tengo*, 1964) catalisam suas inquietudes sociais e políticas tão fortes que, por vezes, chegam a comprometer o poético. É assim o poema *Tengo* que dá o título ao ciclo de 1964. Entretanto, paralelamente

com essa produção ideologicamente comprometida, de propaganda da Revolução castrista, Guillén brinda o leitor com uma poesia que leva ao intimismo universal. São assim *Elegias de 1958* e *La rueda dentada* de 1972. O último livro de poesias publicado em sua vida é de 1977: *Por el mar de las Antillas anda un barco de papel*.

Antes de começarmos a apresentar os nossos textos, vale a pena alertarmos o leitor que a grande maioria dos críticos cubanos de Guillén, por razões óbvias, privilegia suas obras mais “popularistas”, sociais e políticas. Já os textos que se encontram neste dossiê tratam de várias facetas da obra guilleniana, principalmente de sua primeira fase.

Lusiana Bengtsson aventura-se, no seu texto, a demonstrar o dionisíaco nietzscheano presente na obra de Guillén.

O texto de Elena Godoy procura “desvendar” um pouco o “mistério” da musicalidade afro-caribenha da poesia guilleniana.

André Fábio, retomando os conceitos de “negritismo” e “negritude”, traça os paralelos e as diferenças entre o cubano Guillén e o brasileiro Bopp.

Por fim, o texto de Débora Zoppo também faz uma comparação, mas, desta vez, a comparação é entre dois cubanos: Guillén e Carpentier, no seu tratamento da temática mítica.